

CAPITAL.
 Por semestre 6\$000
 Por anno 12\$000

EXTERIOR.
 Por semestre 6\$500
 Por anno 13\$000

TUDO O QUE FOR VERDADEIRO, HONESTO, JUSTO, SANCTO, AMAVEL.

S. Paulo aos Col. IV. 8.

Subscree-se nas Livrarias dos Srs. Carlos Seidl et Comp., rua Formosa, José Maria da Silva, palçada do Colégio, e na casa do Revm. Conego Clementino José Pinheiro, rua do Aljube. Todas as correspondencias, reclamações, annuncijs, etc, devem ser dirigidas ao mesmo Revm. Conego, Administrador deste periodico. Publica-se ás quartas-feiras e Sabbados de cada semana.—Pagamento adiantado.



Quarta-feira 10 de Julho de 1872.

SUMMARIO.

MANIFESTO DA MAÇONARIA DO BRASIL.

RELIGIÃO MAÇONICA.

CORRESPONDENCIA DA «BOA NOVA».

PUBLICAÇÃO PEDIDA.

Renescença.

CHRONICA URBANA.

A BOA NOVA.

BELÉM, 10 DE JULHO DE 1872.

Manifesto da Maçonaria do Brasil.

VII

No nosso numero antecedente discutimos a primeira accusação tirada da Inquisição, accusação classica, exarada em todos os manuaes da impiedade moderna, repetida por todos os nossos improvisados sabios com tanta seriedade e pretensão, que nos custa suste-
 -r o riso.

Es'es homens, que desprezam as robustas provas do Catholicismo, não se pejam de tornarem-se echos de velhas e nojentas calumnias, mostrando uma credulidade espantosa para o que é contra a Igreja, ou inventado para dishonar a Mãe de nossas almas.

Debalde os defensores da verdade catholica demonstram as falsidades por elles imaginadas, mas cil-os sempre audazes a repetir erros com vezes refutados, fechando os olhos da intelligencia á mais esplendida luz da evidencia.

Por nossa vez vamos repetir verdades já por outros explicadas.

Examinemos a segunda accusação do folheto maçônico:

«O Papa Clemente XIV (Ganganelli), foi envenenado pelos jesuitas, por ter supprimido a Companhia de Loyola.»

Esta poenta accusação, especie de velho farrapo guardado no arsenal de nossos adversarios, indigna de apparecer em um papel serio e limpo, já refutamos sob o titulo de parlapatices ou despropositos do Liberal do Pará.

«Septimo desproposito.—E' o do envenenamento do Papa (Clemente XIV) pelos Jesuitas. Os escriptores da seita inventaram essa calumnia, como tantas outras, para denegrir o pio Instituto de S. Ignacio de Loyola.»

«As historias feitas por auctores protestantes combatem essa fabula como absurda e sem fundamento algum nos factos.»

«Eis o que a tal respeito diz o insuspeito e muito erudito Feller:

«O boato do envenenamento que pessoas mal intencionadas espalharam para tornar odiosa a memoria dos jesuitas, foi solememente refutado pelos medicos do Papa, nomeadamente por Saliceti, homem de uma probidade igual a seus grandes conhecimentos medicos.»

«Estas e outras mentiras é que diz a Maçonaria ter lido no grande livro da humanidade!»

Tercera accusação:
 «Henrique IV, foi assassinado por Francisco Ravalliac, automato do poder clerical, em 1610, por ter permitido a seus subditos protestantes o livre exercicio do culto.»

Que o Liberal do Pará nos dias de seus furores lançasse contra a Igreja esta feia accusação, despida de provas, e contraria a verdade historica, comprehendemos, mas que se reunisse toda a maçonaria para mentir tão despejadamente é o que nos surpreheende, e nos espanta.

«O monstro, diz Feller fallando de Ravalliac, poderia fugir sem ser conhecido, mas tendo ficado no mesmo lugar, com o punhal ainda ensanguentado na mão, o duque d'Epemon, mandou prendel-o. Instaurado o processo, foi arrastado por quatro cavallos, e despedido ado na praça de Grève a 27 de maio de 1610, na idade de 32 annos, depois de ter constantemente sustentado em todos os seus interrogatorios que não tinha cumplices. Os dois doutores da Sorbona, que o assistiram na hora da morte, Filesac e Gamache, nada poderam tirar delle, talvez, porque nada tivesse que dizer.» (*)

E' inutil copiar os testemunhos de outros historiadores insuspeitos e mul respeitados pelo seu saber, porque todos concordam com a narração do erudito Feller.

Ravalliac, que em todos os seus interrogatorios sempre affirmou não ter cumplices, é no entanto um automato do poder clerical!

(*) Feller t. 7 p. 204, Bouillet p. 1186, Bercastel et Henrion t. 8, p. 270.

A historia repelle esta audaciosa affirmação maçônica mesmo como conjectura, porque o poder clerical nenhum motivo de queixa tinha contra um Príncipe, que abjurara os erros do protestantismo.

A 25 de julho de 1593 na Igreja de S. Diniz, Henrique IV prestou este solemne juramento com applauso e alegria de toda a França: «Eu prometto e juro em face de Deus todo poderoso viver e morrer na Religião Catholica Apostolica Romana, protegel-a, defendel-a com o perigo da propria vida, e abjuro todas as heresias contrarias á sua doutrina.»

Em 1604 este mesmo Rei restabeleceu em França a ordem dos jesuitas, máo grado as intrigas dos calvinistas e os preconceitos de certos catholicos.

Ora pode-se crer que o poder clerical tão favorecido por Henrique IV concorresse mesmo indirectamente para o detestavel regicidio de Ravalliac?

Sabe-se mais, e a historia registrou os sentimentos de Paulo V a respeito do Rei Henrique IV.

O Papa, todo banhado em lagrimas ao saber a noticia da morte desastrosa do melhor dos reis disse ao Cardeal d'Ossat: «Vós perdestes um optimo anno, e eu o meu braco direito.»

Entretanto reúne-se toda a Maçonaria brasileira em um documento publico diz: Henrique IV foi assassinado por Francisco Ravalliac, automato do poder clerical!

Não será isso muita má fé, e extraordinaria perfidia?

Dize, leitor benevolo, se o homem probo e sincero não deve com justissima razão indignar-se contra taes inverdades?

Quarta accusação:

«Luiz XV foi apunhalado em 1713 por Damiens, pago pelos jesuitas.»

Damiens não era jesuita, e apenas fóra creado em uma casa de jesuitas, tendo-a deixado muito antes de perpetrar o regicidio.

«Segundo alguns historiadores, diz Bouillet, Damiens no momento de commetter o crime estava louco, segundo outros fóra a isso levado pelo descontentamento da nação com o rei, então em guerra com o parlamento.»

Eis o que dizem historiadores fidedignos sobre o desditoso Damiens.

«Estava, porem, reservado aos maçons a grande descoberta de que Damiens fóra pago pelos jesuitas para apunhalar Luiz XV!»

Si o facto de ter servido Damiens em uma casa de jesuitas, autorisa a imputar-se-lhes o crime daquelle, então seriamos todos nós solidarios e responsaveis pelos actos de todos aquelles, que nos serviram, embora os lançassemos fóra de nossas casas!

O ter sido Damiens despedido pelos jesuitas prova sufficientemente que não estava elle d'accordo com os jesuitas.

Como é que este desventurado não confessou ter os padres da Companhia de Jesus como cumplices?

Si a suspeita deve cair sobre alquem é mais acertado attribuir-se este crime ao partido dos jansenistas, com quem andava Damiens mettido; e este partido jansenista estava mui exaltado por causa da intolerancia de Luiz XV.

Si nos demoramos nesta analyse, não é pela importancia, que tenham por si estes factos para comprometter a causa da Sancta Igreja Romana, mas é para convencer aos mais incredulos da má fé, com que a maçonaria procede, já inventando fabulas, já desfigurando os factos, já torcendo-os, invertendo-os. Prosequiremos.

Religião maçônica.

No n. 115 do Jornal do Recife encontramos um artigo em defeza do padre Almeida Martins, e contra o Bispo do Rio de Janeiro; no qual artigo affirmase (entre outras cousas), que «a sociedade maçônica tem por base os mesmos preceitos, em que se funda a doutrina da Religião Catholica: . . . nunca a maçonaria tentou destruir os dogmas fundamentais da santa Religião do Golgotha: . . . sendo a maçonaria uma sociedade. . . ligada á Igreja de Jesus Christo.» Estas affirmações destituidas de provas convidam-nos a indagar, qual seja a religião, que a maçonaria professa. Será verdade que professa a Catholica, como inculcou o autor do artigo? Examinando as provas, talvez acharemos, que a sociedade maçônica não professa religião alguma.

E primeiro ainda que supponhamos que nesta sociedade o elemento religioso seja essencial, como os mações affirmam, todavia

elles mesmos confessam, que o caracter de tal elemento não é catholico. «Maçonaria e Catholicismo excluem-se mutuamente (Die Gegenwart und Zukunft der Freimaurerei in Deutschland. Leipsich 1854, pag. 116): maçonaria christã é suppor um circulo quadrado, um quadrado redondo (La voce dell' oriente. Manuale per i F. M. Amburgo 1845): tem parentesco com o protestantismo» (Latomia, v. II, pag. 164). Participa um pouco das outras seitas e religiões, mas não é nenhuma dellas: pois todos os testemunhos, que encontramos, concordam em dizer, que a maçonaria é religião universal; e differe das outras, porque estas mais ou menos baseam-se em algumas revelações, enquanto a maçonaria exclue essencialmente toda a revelação. De sorte que, sabeis qual é o mais firme palladio das lojas contra os acommettimentos hostis? é exactamente a exclusão de qualquer religião, positiva ou revelada. «Este palladio foi santamente conservado e defendido com todos os esforços dos mações, que não devem deixal-o; pois a exclusão absoluta de toda a revelação, deve-se reputar como a pedra fundamental da sociedade.» Assim Klos (Die Freimaurerei in ihrer vahren Bedeutung, pag. 322), um dos escriptores mais celebres da maçonaria.

Regeitada toda a revelação, somente o puro naturalismo pode ser a religião maçônica. E' esta a religião, que Ragon (Rituel de l'apprenti maçon. Avantpropos), dá por norma da maçonaria. E' esta a religião, que mana da philosophia e da sciencia, entregues ao gremio do naturalismo e do positivismo, como diz Riche Gardon (Bulletin du G. O. Mai, 4857, pag. 97). Chama-se religião universal, porque assenta sobre os principios universaes da natureza. E' religião a mais simples, por ser a mais obvia á razão, tirada a difficuldade dos dogmas (Bulletin etc. Juillet, 1848, pag. 172). Pelo que o objecto do culto maçônico é o Deus da natureza, é o Grande Architecto do Universo, é o principio da ordem natural e moral. Todos os ritos, todos os estatutos das grandes familias maçônicas neste ponto concordam.

Mas d'onde tira a maçonaria os principios, que informam o seu naturalismo religioso? O Manuel maçônico (Avant-propos) responde, que os tira da intelligencia individual dos iniciados: Lucius (Zeitschrift fur Freimaurerei, Altenb, 1826, Heft 3, s. 311 fg) do uso continuado da força intellectiva: os estatutos inglezes (The charges of a Frees mason, § 1) da propria consciencia: os italianos (tit. 1, art. 2) das faculdades da razão, do pensamento guiado pela observação dos factos. Em uma palavra, o espirito da maçonaria é o espirito de exame, é o vigor de critica: o dogma é contrario á natureza: a persuasão individual é a estrella unica, a que ella confia seus adeptos, quanto á religião (Encyclopedie maçouque, v. II. Discurso du F. Chemin-Dupont's). Pelo que o duque Ernesto de Saxe-Coburgo-Gotha no discurso, que leu depois da sua admissão na sociedade exclamava:—A Igreja crea crentes, a loja homens racionais e livres (Adhuc stat! Die Freimaurerei in zehn Fragen und Antworten. St. Gallen 1865, § 1, pag. 18). E Roth, entusiasmado ao ver a loja maçônica levantando

a cabeça em todas as partes, escreveu:— «Sublime visão me se offerece ao animo: vejo um templo levantado em todo paiz; nos campos gelados do norte, nas planicies ridentes dos Indios, sobre a margem ensanguentada do Ganges, vejo estatico um altar consagrado á liberdade do pensamento e da consciencia» (*Ueber den Zweck der Maurerei*, Frankfurt, 1832).

Logo a razão, a consciencia, a critica individual, que são a guia e o misterio do naturalismo religioso, da maçonaria, mostram-nos claramente, que o *racionalismo* é a fonte da religião maçônica. No *Umanitario*, periodico do G. O. maçônico, que residia em Palermo, lê-se a confirmação do que acabamos de dizer (Anno II, n. 10, pag. 3). «A religião desfigurada, profanada pelos padres, deve-se elevar á altura da moral universal. A maçonaria vê a religião, não nas diferentes seitas religiosas, que dividem os povos, senão nos eternos principios de justiça e de amor, que ligam os homens entre si. Ella aparta-se do padre, para se chegar á verdade, não buscando-a em praticas pueris, mas no *santuario da consciencia*. Destas premissas mana logicamente o grande principio da *liberdade das consciencias*. . . Ha uma lei suprema de verdade, a que a consciencia não pode resistir. Mas o que é esta lei, esta verdade? Vós a chamaes *vontade de Deus*: nós a chamamos lei racional e natural da humanidade. Todavia não é este o ponto da questão. Seja qual for o nome, que lhe dêem, é evidente que esta lei suprema da verdade não pode governar a consciencia humana, senão sob duas condições: 1.º que ella acha-se; 2.º que applique-se. E qual é a faculdade destinada a descobri-la e applical-a? E' a *consciencia sustentada pela razão*. Se pois a applicação da verdade ás varias ordens sociaes pertence á consciencia, e se esta em tal emprego é *independente de qualquer autoridade extrinseca e de qualquer norma positiva*; se não reconhece outro guia senão o *lume natural*, nem outras leis, senão os principios racionais, que a constituem; segue-se logicamente, que a consciencia acha em si mesma o principio da *obrigação moral*.»

Esta ultima consequencia é logica, porem erronea, por ser deduzida de dous erros. O primeiro é erro de facto, em quanto supõe a religião catholica desfigurada pelo corpo ensinante da Igreja, a saber, pelo padre; os protestantes que propalaram tal caumnia, não foram logo convencidos de má fé nas citações da historia, da Escripura e da tradição? O segundo é erro de principio, em quanto declara *independente* a consciencia, que summamente depende de Deus, como da norma suprema, que ordena e move tudo; por isso é absurdo elevar a consciencia á ordenadora soberana das acções do homem. Entretanto se por uma parte os mações affirmam, que um dos elementos essenciaes da maçonaria é o religioso; por outra os mações mais esclarecidos de diferentes paizes e de diferentes ritos, attestam-nos com voz unanime, que a propriedade intrinseca do elemento religioso da maçonaria, é o naturalismo baseado no racionalismo: podemos concluir, definindo a maçonaria sob o respeito religioso—Uma *sociedade religiosa*, que professa o *materiaalismo* baseado no mais puro *racionalismo*.

Tudo isto confirma-se amplamente pelo exame dos estatutos mais modernos da maçonaria. E começando pela franceza, os seus estatutos de 1865, art. 1, dizem: *A maçonaria. . . tem por principio a existencia de Deus, a immortalidade da alma, e a solidariedade humana*. Onde estão os outros dogmas do catholicismo, como a divindade de Jesus Christo, a resurreição dos corpos, a primazia de S. Pedro, etc.? *Respeitar a liberdade de consciencia, como um direito proprio de cada homem* Assim pois em cada homem a maçonaria reconhece o direito de rejeitar

tambem a existencia de Deus, e a immortalidade da alma! Com effeito a *assembléa constituinte* de Napoles de 1867, commentando o conceito de Grande Architecto do Universo, diz, que é invocado na maçonaria *como elle revela-se ao pensamento, levado pela observação dos factos*: e porque observação e factos costumam variar conforme a cabeça de cada um, cada mação terá um Grande Architecto pessoal ou impessoal, existente ou fabuloso em conformidade de suas observações.

Eis um facto, entre mil, a favor da nossa illação. Na loja em que o Grande Oriente celebrava os funeraes de Leopoldo, rei da Belgica, lia-se a epigrapha—*A alma emanada de Deus, é immortal*. Os irmãos da loja *La Constance* de Lovaina, queixaram-se muito da violada liberdade de consciencia pela epigraphica profissão dos dous dogmas, a existencia de Deus e a immortalidade da alma. O que respondeu-lhe o *Grande Comité*? Eis as suas palavras, referidas no *Journal de Bruxelles* de 1866, n. 295: «Se o principio da immortalidade da alma e o da existencia de Deus, sob o titulo de Grande Architecto do Universo, ainda comparecem nos rituaes da Ordem, é porque estes dous principios são tradições da Ordem; o G. Oriente nunca impoz nem proclamou com isto algum dogma. Em nosso tempo é meninice discutir sobre uma formula, que não liga algum pensamento, nem embaraça alguma consciencia.» Ouvistes? Existencia de Deus, immortalidade da alma estão no ritual maçônico, como velhas tradições da Ordem: são arnezes de museu!

O mesmo aconteceu em França em 1865, na occasião de se discutir pro e contra a formula—*A Gloria do Grande Architecto do Universo*. O irmão Bremod, membro do conselho da Ordem no *Discours prononcé à la fête solstiaciale d'hiver, le 14 Janv. 1866*, declarou, que «a maçonaria não impõe aquellas duas crenças, mas as conserva:» o que achase confirmado na *assembléa* de 1867. Neste mesmo anno a *assembléa constituinte de Napoles* estranhando o irmão d' Ayala a admissão de um atheo, o Grão Mestre respondeu-lhe:—«Nós invocamos, é verdade o G. O. A. D. U. mas esta é uma expressão *generica*. . . o juramento refere-se a este ser, que cada um encara conforme a crença respectiva» (*Bolletino del G. O. della Massoneria in Italia*, vol. II, pag. 54). E' por isto, que a loja *Opquande Ster* (Estrella ascendente), que pertence ao Grande Oriente d' Holanda, reclamou contra o titulo de *estupido*, dado ao atheo no novoritual do *Apdrendis*, porque era titulo offensivo da liberdade de consciencia *Monde maçonnique*. Nov 1866, pag. 422. Vêde tambem *Die Banhutter*, n. 3, 1867, Feuilleton, *Nieder*).

O leitor admirado perguntará:—Se a existencia de Deus é crença livre, como pode ser principio fundamental da maçonaria? e se é fundamental, como sua crença é livre? A contradicção é evidente. Demais: o mação jura o principio da existencia de Deus, incluído nos estatutos; mas pelo direito de liberdade de consciencia lhe é licito não guardar o seu juramento: logo na maçonaria é licito o perjurio. Porque pois a maçonaria com offensa da logica e da moral conserva a crença do G. O. A. D. U.? Na verdade Rousell, Eugenio Pelletan, Parrot e outros na *assembléa legi-latira* da maçonaria franceza em 1867, queriam proclamar a supressão da dita crença: mas Garriison, pedindo com lagrimas a conservação da antiga formula, assim fallou:—«Crêdes, que o suffragio para a supressão não será julgado nas familias uma declaração de atheismo? Sim, ha de sel-o, e a nossa entrada nas casas tornar-se-ha quasi impossivel. . . Trata-se de formulas tradicionais, cuja conservação nem offende a liberdade, nem embaraça o movimento maçônico. E por ellas quereis expor a nossa sociedade a tão grave damno?»

Isto bastou para determinal-os a reter uma formula innocua, que serve somente para enganar os tartufos: e assim foi anteposta a contradicção e a mentira á franca ingenuidade

Logo 1.º o Deus da maçonaria é um véo de hypocrisia: 2.º a maçonaria moderna basea-se essencialmente sobre o indifferentismo mais absoluto em materia religiosa. 3.º o catholicismo na doutrina maçônica é uma solemne impostura; o que melhor declararemos em outra occasião. (Do *Catholico*)

CORRESPONDENCIA DA «BOA NOVA».

Paris 7 de Junho de 1872

Carissimo amigo.—A lei militar é a questão agitada quasi exclusivamente nestes ultimos dias. O general Trochu, o duque d'Aumale, o Bispo d'Orleans, pronunciaram sobre a discussão geral discursos importantissimos.

Os pontos, sobre os quaes houve maior divergencia, foram o numero d'annos exigidos para o serviço, e as cathogorias de isenções.

M. Thiers não queria a principio de nenhum modo o serviço obrigatorio, mas tão fortemente sopra deste lado o vento, que resignou-se a admittil-o no projecto de lei, procurando restringil-o o mais possivel.

Muitos julgam ainda poder evitar o serviço militar, mas é esta desigualdade, que desagrada a certo numero de deputados, porquanto uma serie de soldados deveria ficar somente um anno em serviço activo. Um numero consideravel de deputados, entre os quaes muitos generaes, pedem a presença effectiva no exercito durante 3 annos. Ignora-se ainda como sejam definitivamente reguladas semelhantes questões.

Alguns dias antes da discussão da lei militar, houve a que se chamou o *incidente Rouher*.

A moralidade do governo imperial foi mui seriamente posta em duvida por M. d'Audrifret Pasquier, que demonstrou com documentos o espantoso roubo feito a França pelo imperialismo. Rouher, depois d'alguns dias, tentou responder a accusações tão graves, mas não bastou-lhe sua eloquencia para justificar o que era injustificavel.

Ha actualmente na Alsacia e Lorena extraordinaria excitação dos animos por causa de aparições mysteriosas, principalmente de cruces vermelhas; o que prende sobremaneira a attenção desses pobres francezes arvorados por força em prussos. O governo de Berlim, cegostoso com taes aparições, prohibiu aos jornaes allemães tratassem disso. A força é a *ultima ratio* daquelle governo.

Festejou-se em toda a França com mui-tissima devoção o mez de Maria.

As procissões do Santissimo Sacramento se fizeram com o maior esplendor, excepto em duas cidades, onde os maçons são senhores da Municipalidade. Esses pretendidos liberaes desenterraram uma lei de *germinal anno V*, isto é, dos mais ominosos tempos de revolução, que prohibe as procissões onde houver um *consistorio protestante*. Esta lei de tão tristes dias cahiu em desuso de ha muitos annos, e o Ministro do interior dirigiu uma circular a toda França consentindo se praticasse como nos annos precedentes.

Isto não bastou aos maçons, que sob pretexto de respeitar os protestantes prohibiram as procissões catholicas, embora aquelles publicamente declarassem não se oppor as procissões do Santissimo Sacramento.

Os maçons persistiram na prohibição, mas ao menos ficou a todos bera patente a intolerancia delles, que não tem outra explicação senão no odio ao Catholicismo. Isto passou-se em Lyão e Marselha, com a differença que o conselho municipal de Lyão não ousou prohibir as procissões publicamente.

PUBLICAÇÃO PEDIDA.

Beneficencia.

A sociedade «Cinco de Agosto», fundada nesta cidade em outubro do anno passado, tem já praticado actos dignos de louvor na sua parte beneficente, e os seus consocios se sentem cada vez mais animados d'esse espirito de caridade, que tanto os ennobrece. Esta utilissima associação pode para o futuro prestar serviços relevantes á sociedade vi-giense, contribuindo assim para o progresso e engrandecimento desta terra que tão estremecidamente amamos.

Com effeito, uma escola particular para meninos e adultos, um *monte de piedade*, cujos empréstimos sejam gratuitos, e um asylo para os orfãos, são instituições que a sociedade poderá mais tarde realisar, quando os seus fundos o permittirem, e quando esta idéa de beneficencia já estiver mais generalisada, e melhor comprehendida pela massa da população. E quem não vê que tudo isto são elementos de progresso e de civilização para a nossa terra natalicia?

Não podendo nós contribuir, por outros meios, para a realisação das idéas de beneficencia da sociedade «Cinco de Agosto», propozemo-nos escrever uma serie de artigos, nos quaes indicassemos algumas medidas de reconhecida utilidade, e que a sociedade poderá facilmente realisar. E' o que vamos fazer, pedindo á mesma sociedade se digne aceitar o mesquinho fructo de nossas lucubrações.

INFANCIA DESVALIDA.

Nada por certo excita mais a piedade das almas nobres e generosas do que o tristissimo espectáculo dessas miserias crianças que perderam seus pais, ou que foram por elles abandonadas.

Confrange o coração ver esses pobres orfãosinhos, semi-nús, com as faces pallidas por effeito da fome e da miseria, mendigando a caridade publica ou deixando-se escravizar por homens [que se proclamam seus protectores, que lhes fazem pagar com lagrimas e soffrimentos o pão amargo que lhes dão a comer.

Na idade em que os seus corações deviam abrir-se a todos os sentimentos virtuosos, começam a germinar nelles a corrupção e os vicios. Familiarizados com o espectáculo do mal, vão pouco a pouco perdendo a idéa do bem, até se tornarem uns entes perversos, sem dignidade.

Desconhecem o que seja instrucção ou educação. Os seus conhecimentos resumem-se na consciencia que têm do muito que soffrem; a sua educação consiste na pratica de actos contrarios aos bons costumes, ou na obediencia passiva á seus intitulados protectores.

A religião para elles pode-se dizer que não existe. Chamai um d'esses desgraçados, e interrogai-o sobre a fé que professa; e vos convencereis desta verdade.

Nada ha por tanto que iguale a sorte d'esses infelizes. A historia nol-os apresenta sempre—ora expirando sob o gladio da autoridade paterna, ora victimas do egoismo ou da miseria das mães, cujas afeições illegitimas ou falta absoluta de meios de subsistencia as obrigavam a desfazer-se delles.

Na antiga Roma os pais tinham direito de vida e de morte sobre seus filhos. Ainda mais; era alli permittido o infanticidio, que se tornou até legal na illustrada Grecia. Tambem engeitavam os recém-nascidos com extrema facilidade, e os depositavam em vasos, ou em açafates de vime.

Em Sparta, a criança que nascia com alguma deformidade phisica era lançada dos rochedos de Taigeto em um abysmo á que por irrisão chamavam *deposito*. Alem disso, os sacrificios offerecidos á Diana de Tauri-

da consistiam em açoutar um certo numero de crianças.

Em Athenas, os pais tinham como que um direito de propriedade sobre os filhos; e quando se queriam desfazer delles declaravam ao magistrado que cessavam de os reconhecer, e então os expulsavam de sua casa.

Thebas vendia as crianças abandonadas, em proveito do Estado.

Entre os Hebreus, as que eram achadas nas estradas ou sob as arvores, eram consideradas illegitimas e excluidas de todos os direitos civis até a sexta geração.

Nas Indias britannicas prevalecia a pratica cruel do infanticidio, que os inglezes depois conseguiram fazer cessar.

Na Russia, os engeitados eram recolhidos á custa do Estado «sem serem comparados aos servos das provincias escravas»; mas por uma lei de 1837 foram considerados *propriedade* do Estado. ¹

Agora mesmo acabamos de ler no *Primeiro de Janeiro*, jornal portuguez a noticia de um crime de infanticidio, commettido em Leamington. No lago de Emscote encontraram o cadaver de uma infeliz criança, e depois de minuciosas indagações veio a policia descobrir que a autora d'este acto de barbaridade ou desesperação fôra a joven Sarah Fabb, que, interrogada, confessou o crime.

«E' verdade, disse ella, matei o meu filho naquella dia, não tinha nada que comer, nem para mim, nem para elle. Na vespera á noite, estando bastante nervoso e agitado, dei-lhe um pouco de laudano. No dia seguinte, pela manhã, encontrei-o pallido, frio e immovel; não pude abrir-lhe os olhos, nem lhe senti o halito. Sem domicilio, não sabendo onde ir, e seguindo á beira do rio, as aguas attrahiram-me; approximei-me e larguei-o alli.—

«A policia constabbe de Kicking quiz entrar em promenores.

—Basta! disse ella, e acrescentou soluçando: —Despi o queridinho á beira do rio, e lancei-o alli a cantar. Na minha cabeça entrára a loucura; não sei se elle estava vivo ou morto. Segui-o por muito tempo com a vista; quando desapareceu, dirigi-me a Strafford, onde queimei os seus pobres vestidos.» ²

O mesmo jornal nos refere outros factos desta natureza, entre os quaes apontamos os seguintes:

Em Saint Ouen sous Bailly, cantão do Emvermeu, em França, uma joven de nome Pascalina Lambard deixou morrer á fome um filho seu de 2 annos de idade. Ella mesmo abriu na adega uma sepultura, onde enterrou o cadaver da infeliz criança. ³

Em Villa Nova do Reguengo, uma criada chamada Anna de Jesus enterrou no quintal da casa onde servia, uma criança que acabava de dar á luz. ⁴

Crime identico foi commettido no lugar das Campinas, freguesia de Ramalho. ⁵

Em Braga foi encontrado dentro de uma parede o esqueleto de um recém-nascido. ⁶

Por estes apontamentos historicos pode-se fazer idéa do quanto têm soffrido estes desventurados, e de quanta gratidão são credores os governos e os particulares que têm constantemente trabalhado em pró da infancia desvalida.

Com effeito, na antiga Italia o governo instituia asylos para a educação gratuita dos engeitados.

Na grande Grecia, segundo as leis de Charrondas, o parente mais proximo de uma herdeira orfã e pobre era obrigado a desposal-a; pensamento este condemnado pelos moder-

legisladores, ⁷ mas que ao menos tinha em si um grande merito: o preservar da miseria essas pobres orfãs, que sem isso talvez fossem victimas da corrupção daquelles tempos.

E' porém ao Christianismo que se devem as mais bellas instituições para protecção e amparo da infancia.

Foi Jesus Christo quem veio dizer aos homens: «Quem receber um d'estes innocentes a mim me recebe.»

Fieis á doutrina do Divino Mestre, os heroes da caridade evangelica empregaram os maiores esforços e uma dedicacão sem limites para salvar a pobre orfandade das garras da miseria ou dos abysmos da deshonor.

Em quanto em Inglaterra, depois das guerras da *reforma*, o governo supprimia os conventos, reduzia á escravidão e ao trabalho forçado os mendigos que viviam das esmolas dos mosteiros, e instituia a *taxa dos pobres*, tornando a caridade *legal e obrigatória*; os catholicos, seguindo um rumo inteiramente diverso, procuravam dar remedio a tantos males pelos meios pacificos que aconselhara a lei divina do Christo.

Jeronimo Miani, natural de Veneza, occupou-se em recolher as crianças que tinham ficado orfãs durante essa guerra; «percorreu as ilhas venezianas, procurando esses infelizes e reanimando a caridade; fundou hospicios para dar asylo e instrucção ás crianças abandonadas e para reconduzir ao bem as pobres raparigas perdidas.»

José Calasanzio, de Hispanha, dirigiu-se aos Pyreneos e abi instituio *montes avaros* e *montes-pios*, e fundou dotes para as donzellas. «Elle juntou os filhos dos pobres e os conduziu á escola», e formou uma congregação que dava instrucção gratuita ás crianças.

Soror Angela, de Brescia, fundou em 1537 uma sociedade de beneficencia que adquiriu grande renome de santidade, e cujos principaes fins eram «andar em busca dos desgraçados para os soccorrer, visitar os hospitaes e os doentes, e dar instrucção as meninas.»

S. Francisco de Sales, além de outras obras de caridade que praticou, ensinava todos os sabbados o catecismo ás crianças, que elle considerava como *sua familia*. «Tive a honra de assistir á esta bemdita instrucção, diz o padre de La Rivière. Este amavel e verdadeiramente bom padre estava assentado como sobre um throno, dito, de alguns 5 degrãos; todo o exercito infantil o rodeava, e grande numero dos mais qualificados, que não desdenhavam de alli ir buscar o pasto espiritual. Era um contentamento sem igual ouvir quão familiarmente elle expunha os rudimentos de nossa fé.... Fazia-se criança como elles, para nelles formar o homem inteiro e o homem perfeito segundo Jesus Christo.»

A senhora d'Estonnac instituia a congregação da Virgem, em Guyenna, para dar instrucção ás meninas. ⁸

Os jesuitas tambem muito trabalharam em favor da instrucção dos meninos pobres, e as suas escolas, segundo Cesar Cantu, eram elogiadas por todos os homens de letras daquelles tempos. Chateaubriand faz a apologia dellas no *Genio do Christianismo*; o insuspeito Henrique IV considerava estes padres como os mais proprios e os mais capazes para instruir a mocidade; e o protestante inglez, Chanceller Bacon, dizia delles: «Quando tardes de educação, consultai os jesuitas; não ha nada melhor.»

Mas eis o grande S. Vicente de Paula, o fundador das mais bellas e admiraveis instituições de beneficencia, aquelle que o mundo todo respeita e venera pelo heroismo de sua caridade!

Ouçamos por um momento o padre Ety-

1 Cesar Cantu.

2 *Primeiro de Janeiro* n. 51.—1872.

3 N.º 68.—1872.

4 N.º 69.—1872.

5 N.º 89.—1872.

6 N.º 88.—1872.

7 C. Cantu.

8 C. Cantu.

enne em um eloquente panegirico que faz á este grande vulto do Christianismo: «A sociedade soffria por ter produzido uma ordem de cousas que se devia estabelecer sobre as ruínas da antiga. Como em todas as epochas das transformações sociais, em tudo reinava a desordem; todos os generos de calamidades affligiam os povos, e a ignorancia do Clero com a corrupção, sua companheira inseparavel, deshonorava o santuario. Em uma palavra, era o velho edificio social que se abatia, para aluir-se emfim pelo facto da decomposição e da anarchia.

«Quem virá em soccorro da patria moribunda? Quem dará aos seus membros gangrenados o calor e a vida? Quem espalhará em seu seio elementos de regeneração e de salvação? Será S. Vicente de Paula. Elle será o restaurador da França.»

Effectivamente, foi S. Vicente de Paula quem mais trabalhou para reparar os males immensos causados por essa *reforma religiosa* que no seculo 16^o produziu o *protestantismo*. Elle fundou os hospícios para os operarios invalidos, os hospitaes para os doentes, as casas de caridade para os socorros nos domicilios, ⁹ o hospital dos forçados em Marselha, o collegio dos padres da missão, as confrarias de caridade nas parochias, os serventes d'enfermos ¹⁰ e o asylo dos orfãos. ¹¹ Elle instituiu tambem em Luiza de Marilac as *Irmãs de caridade*, a quem confiava as crianças abandonadas, afim de lhes dar amparo e protecção.

Porem a mais bella instituição de S. Vicente de Paula em favor da infancia desvalida, é sem duvida a dos hospitaes dos meninos expostos. «Antigamente estes desgraçadinhos eram abandonados pelas ruas e praças publicas, onde morriam ao frio e a fome, quando suas barbaras e desnaturadas mães os não matavam antes por suas proprias mãos. . . . Esta desgraça não podia escapar á activa beneficencia de S. Vicente de Paula. Elle convocou uma assemblea geral de senhoras de distincção e piedade, que costumavam concorrer para as suas boas obras; e tendo-lhes feito um quadro tocante e pathetico da situação e estado destas miseraveis criancinhas abandonadas, que todos os dias morriam aos centos, obteve tão grandes recursos, que pôde logo instituir uma *roda*, e occorrer ás primeiras precisões dos expostos que alli foram levados. O rei destinou depois diversos hospícios para esta santa instituição, e desde esse tempo os expostos tiveram um asylo seguro. O mesmo santo, nas rigorosas noites de inverno, visitava a miudo os sitios onde mais ordinariamente era costume exporem estas tenras victimas, para as recolher, e embrulhadas na sua capa, aquecendo-as com seu halito, as conduzia nos braços ao seu hospício.»

Lorraine viu-se reduzida naquelle tempo, por effeito das guerras, á uma miseria extrema. As meninas sacrificavam a sua honra para obterem o pão, que mal chegava para lhes saciar a fome; as mães devoravam os proprios filhos, e todos os dias muitas pessoas morriam de inanición. S. Vicente de Paula pediu esmolas para estes infelizes, e conseguiu mandar para Lorraine 600:000 libras pelos missionarios encarregados de as distribuir, assim como de recolher as crianças, tratar dos doentes, e procurar amas de leite. ¹²

Não acabariamos, si tentassemos apresentar uma lista completa de todos os beneficios feitos por esses apóstolos da caridade á infancia orfan e desvalida; mas o que temos consignado é bastante para se fazer idéa de quanto ella lhes é devedora.

Esta é a norma que devem seguir os po-

vos verdadeiramente catholicos, se desejam beneficiar aos seus semelhantes. Nós acabamos de ver que foi sempre por meio de associações que esses bemfeitores da humanidade conseguiram fazer verdadeiros prodigios de caridade. Imitemol-os; e, se nos não podermos elevar á altura a que elles se elevaram, nem por isso desanimemos, pois Deus, *que julga os corações*, saberá levar em conta não só a boa vontade do bem que fizermos, como o pezar de não podermos fazer mais e melhor.

Quantas familias não existem por ahi gemendo na miseria! Quantos velhos invalidos, soccorridos somente pela caridade publica! Quantas crianças orfãs, vivendo no encosto de seus parentes, pobres tambem, e que mal lhes podem dar a esmola da educação!—E' tempo, é tempo: demos remedio a tantos males! Enchuguemos tantas lagrimas que por ahi se vertem em silencio!

Propague-se nesta cidade a idéa de beneficencia! E, pois que não podemos fazer de uma vez todo o bem que desejamos, comecemos por desvelarmo-nos sinceramente pela educação da infancia desvalida.

Temos em nosso poder uma lista com vinte e tantos nomes de meninos orfãos, cujos paes curam pouco de os educar convenientemente. Levemos o obolo de nossa caridade á estes infelizes, já que os fundos de nossa sociedade ainda não nos permitem fundar um asylo para os acolher e proteger. Façamos-lhes todo o bem que podermos, lembrando-nos sempre daquellas palavras de Jesus Christo: «O que der a qualquer de vos um pouco d'agua, por minha intenção, não perderá a sua recompensa.

Vigia.—Junho de 1872.

V. ALVES.

CHRONICA URBANA.

Nosso programma politico—Aproximam-se as eleições, e como órgão da Religião, e da opinião publica moralizada, vamos tambem externar nosso pensamento sobre a questão eleitoral, que interessa hoje a todos os brasileiros.

Nós seguimos a politica a nosso modo, e o nosso programma se acha resumidamente na Pastoral de 19 de Março.

«Procurer todos, diz S. Exc. Rvma., na esphera a que s'estender sua influencia, fazer prevalecer sempre os interesses religiosos, que são os mais vitales da sociedade, e não escolham em um ou outro partido para os cargos do Estado, senão homens corlaos, e amigos da Religião.»

Em outra occasião procuraremos dar maior explicação a este trecho da Pastoral de 19 de Março.

Interpretação maliciosa—Foi com pasmo que soubemos andarem alguns homens mal intencionados e inimigos da Religião espalhando que S. Exc. Rvma. no trecho da carta por nós publicado indicava não ter nenhuma confiança nos medicos do Pará.

E' até onde pode chegar a perversidade humana, e o espirito tucanho da intriga!

Isto dispensa qualquer comentario.

Cousas maçonicas—Falta-nos espaço para uma discussão larga.

Diz o *Pelicano* que invertemos o sentido de suas palavras, porque elle não quer por ora discutir o que disse o Grão-Mestre Saldanha Marinho. Assim com esta nova rectificação parece esposar as ameaças do Sr. Saldanha.

Mas a gente do *Pelicano* não quer por ora discutir este ponto, e preciso esperar com paciencia alguma luz nestas sombras.

—Não contestamos, diz o *Pelicano*, nunca o direito do *Dioesano do Rio de Janeiro* para executar constituições pontificias, mas negamos-lhe e a qualquer outra pessoa o de irrogar á *Maçonaria* calumniosas asserções.

Se o Bispo do Rio de Janeiro exerceu um direito, que não contesta, porque averbastes a suspensão do Padre Almeida Martins de injusta?

Negues, porem, ao Pralado fluminense o direito de irrogar á *Maçonaria* calumniosas asserções.

Logo todo o enfezamento da vo sa associação contra o Sr. D. Pedro de Lacerda é por causa de *calumniosas asserções*.

«Se não ha nisto má fé, diremos com vosco, ha um engano tão deploravel, como é a confusão, que fazeis, do acto da auctoridade episcopal impondo uma pena ecclesiastica, com aleivosas insinuações feitas á *Maçonaria* por quem quer que seja.

Vossas asserções carecem de coherencia, e concordancia.

O vosso syllogismo é verdadeiramente curioso, quando procuraes somente saber de nossa parte se consideramos a *excommunhão* maçonica como materia de fé e costumes.

Respondemos.

A questão maçonica prende-se a fé e aos costumes porque trata-se de uma sociedade secreta, e da licelidade de um juramento.

Se as Bullas pontificias não têm a solemnidade sufficiente para chamar-se um documento *ex cathedra*, ninguem poderá negar que os que rejeitam taes prescripções pontificias são temerarios.

Deixamos a questão de saber si é ou não materia já definida de modo infallivel, mas é certo que as Bullas dos Pontifes romanos sempre tiveram e têm na Igreja grande auctoridade, a que devemos obediencia como catholicos.

Pede-nos o *Pelicano* a discussão usando da razão ou da *philosophia*, pondo de parte o *anathema* e a *imposição*.

Este pedido é muito engraçado, quando temos constantemente discutido na medida de nossas forças.

Quando citamos os *anathemas* dos Papas, é para mostrar-vos que a auctoridade religiosa já pronunciou o seu juizo sobre a questão, do mesmo que vós outros bachareis advogados citaes os artigos da constituição ou do código em vossas discussões juridicas.

A nossa Constituição politica não admitta como principio a liberdade de consciencia, porque adopta uma religião privilegiada, mas tolera bajam outros cultos, como toleramos muitos males na sociedade, como seja a incontinencia, e outros vicios.

Não entendemos, como dizeis, que os principios eternos da justiça devam ser pospostos ás conveniencias sociais, mas casos ha em que suportamos um mal menor para evitar outro maior.

As vezes não se pode fazer uma operação n'um doente sem comprometter a propria vida, e neste caso toleramos a existencia do mal, que o atormenta.

O mais que vem no artigo do *Pelicano* com referencia á nós, carece de importancia.

Decoro publico—Já pedimos providencias sobre as indecencias, que se praticam entre os muros do Palacio episcopal e do Castello.

As cousas continuam no mesmo estado, senão peor, porque tornou-se aquella parte deposito de imundicias.

O sr. Presidente da Camara Municipal não toleraria por certo taes torpezas debaixo das janellas de sua habitação.

Pois nós que pertencemos ao Municipio temos direito aos cuidados da Camara municipal, maxime quando se tracta da residencia da primeira auctoridade religiosa.

O decoro publico é cousa, em que muito se interessam os povos civilizados, e bem policiados.

A propaganda anti-catholica—Sob este titulo sahe no *Diario de Belem* artigos sobre a polemica maçonica.

Por falta de espaço deixamos de transcrever aquelles artigos, mas recommendamol-os aos nossos leitores.

Aproveitamos a occasião para mais uma vez exprimir nossa gratidão para com o *Diario de Belem*, que generosamente tem franqueado as suas columnas á defeza dos verdadeiros principios do Catholicismo.

Correio—Por repetidas vezes temos tido reclamações de nossos assignantes do Interior sobre a entrega de nosso periodico. Não sabemos ao certo donde procede a negligencia ou malicia. Logo, porem, que tivermos provas sufficientes daremos nossa queixa, porque entendemos ser um bem commum e o interesse de todos a fidelidade e boa direcção dos correios.

Bonto de guerra—Falla-se como cousa mui provavel senão decidida a guerra entre o Brasil e a Republica Argentina.

Nenhum receio temos daquella republica já vencida pelas armas brasileiras, mas pode temer se que os demagogos do Imperio já muito audazes, aproveitem-se da occasião, para dar cabo da nossa nacionalidade.

Fallecimento—Falleceu o Rvmd^o Padre Seraphim dos Anjos Sacramento, Vigario collado da Freguezia de Cameté, no dia 22 de junho, no lugar denominado Pacajás.

Receheu todos os Sacramentos da Igreja, e morreu com resignação verdadeiramente christã.

Recommendamos aos sacerdotes e fiels que suffraguem a alma deste sacerdote.

Discurso na Cathedral—Fallou o Sr. Conego Pinto Marques sobre a *vida eterna*, pensamento que nos conforta e sustenta nas escuridades da vida presente.

Subscrição—Em continuação á favor dos pobres de Cameté:

Somma da antecedente	151,000
Padre Benedicto T. Cullello	10,000
Conego J. F. Muniz	5,000
Conego B. H. Diniz	10,000
Um Paraense	2,000
Vigolino da Silva	2,000
Custodio P. de Castro	2,000
Um Amigo	50,000

Somma total 232,000

Primeira remessa 165,000

Quantia em mão para segunda remessa 67,000

Somma 232,000

9 Pe. Etyenne.

10 Chateaubriand.

11 Padre Etyenne.

12 *Arquivo Popular*, n. 48, v. 2^o

13 C. Cantu.